

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DE CLARICE LISPECTOR. ASPECTOS DA
RECEPÇÃO DA ESCRITORA BRASILEIRA NA FRANÇA**

**THE INTERNATIONALIZATION OF CLARICE LISPECTOR. ASPECTS OF
THE BRAZILIAN WRITER'S RECEPTION IN FRANCE**

Ivi Fuentealba Villar

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ivivillar@gmail.com

Resumo: O artigo tem por objetivo investigar e refletir sobre os aspectos iniciais da internacionalização da obra traduzida de Clarice Lispector na França. Visando o desenho de um percurso histórico da recepção da escritora neste país, foi feito um levantamento, leitura e análise da repercussão crítica a partir de documentos disponibilizados em formato eletrônico. O método utilizado foi a compilação de artigos acadêmicos, resenhas críticas publicadas em jornais ou revistas literárias e textos sobre Clarice publicados na França, acessíveis por meio das ferramentas de busca Google e Google Acadêmico. O estudo concentra-se no período dos anos 1950 aos anos 1980. A pergunta que permeia o trabalho é qual o lugar da escritora brasileira no âmbito literário francês?

Palavras-chave: Clarice Lispector; Recepção; Tradução

Abstract: The article aims to investigate the initial aspects of the Clarice Lispector's reception in France, from documents available in electronic format. The method used was the compilation of scholarly articles, critical reviews and texts about Clarice Lispector published in France, that are accessible through the Google and Google Scholar search tools. The study focuses on the initial period of internationalization of the Brazilian writer's work, covering the period from the 1950s to the 1980s. The objective is seeking to understand how begins the reception of Clarice Lispector, in this country specifically. The question that permeates all this work is what is the place of the Clarice Lispector in the translated literature in France?

Keywords: Clarice Lispector; Reception; Traduction

Introdução

A obra de Clarice Lispector vem sendo traduzida e publicada na França desde os anos 1950. Após uma primeira inserção que não causou grande repercussão, acompanhada de perto pela escritora, sua obra é “redescoberta” após sua morte e passa a ser objeto de leitura no quadro dos seminários de estudos literários realizados por Hélène-Cixous e sua equipe no Centro de Estudos Femininos da Universidade *Paris VIII – Vincennes* e no *Collège International de Philosophie*. Neste mesmo momento, a editora *Des Femmes* se propõe a publicar as traduções de suas obras. Ensaios e críticas que começam a ser publicados, com frequência a descrevem como *hermétique, difficile, à l’instar de Virginia Woolf ou James Joyce*.

Para investigar este trajeto, procuramos levar em conta os princípios da Estética da Recepção, expressos por Jauss e Iser da escola de Frankfurt. Acreditamos, assim, que a historicidade da literatura não se dá pela cronologia das publicações, mas pelo diálogo dinâmico com a obra literária por parte dos leitores e críticos. Procuramos analisar resenhas, artigos e críticas entendendo-os no sentido em que, segundo Jauss, a experiência literária do leitor pressupõe um conjunto de suas experiências, tanto de leitura quanto de vida, que desperta expectativas e aciona uma determinada postura emocional.

Lançando um olhar diacrônico, percebemos que no caso de Clarice Lispector e o público francês, o processo de recepção se dá de maneiras diferentes, em tempos distintos. Podemos dizer que a recepção de sua obra na França possui diferentes períodos. Um primeiro momento conta com a participação ativa da própria escritora como mediadora e corretora das traduções. Um segundo momento é bastante mediado por Hélène-Cixous que, além dos seminários citados, publica artigos e ensaios sobre sua escrita, dentro e fora da França. E um terceiro momento se dá com a edição em francês da biografia da escritora em 2012, escrita por Benjamin Moser, assim como a edição de *Nouvelles* (2017), os contos completos reunidos também por Moser. Este último momento será assunto de um próximo artigo, não cabendo ser discutido aqui, devido as limitações de um artigo.

É grande o número de trabalhos publicados não apenas no Brasil, mas internacionalmente, sobre a obra de Clarice Lispector. No entanto verificamos que, no que se refere ao estudo da internacionalização da literatura brasileira, não é possível encontrar, até o momento, estudos completos e atualizados sobre a recepção de Clarice na França. Como aponta o estudo de Hanes e Guerini (2016), de modo geral, a publicação de estudos em português tendo como tema a recepção das obras de Clarice Lispector traduzidas no exterior ainda é bastante recente, poucos são os textos anteriores a 2000. Há um aumento considerável, nos últimos anos, na investigação da recepção de Lispector em diferentes países e línguas, principalmente enfocando os países europeus. Porém, em sua maioria, os trabalhos tendem a desenvolver estudos menos abrangentes, lidando principalmente com o *corpus* de sua obra, sob a perspectiva de estudos de caso mais específicos.

Assim, partindo dos princípios expostos pela Teoria da Recepção, este artigo busca traçar um histórico do percurso inicial da recepção de Clarice Lispector em língua francesa. Para isso fizemos um levantamento das traduções e produção crítica sobre sua obra no período que se estende dos anos 1950 aos anos 1980. Objetivamos conhecer o início do processo de recepção evidenciando os principais mediadores e apontando períodos mais fecundos da produção crítica

Anos iniciais

Consideramos como início da recepção de Clarice, na França, o ano de 1952, data de publicação da primeira tradução de um texto seu naquele país. A diplomata brasileira Beata

Vettori foi a primeira a traduzir em língua estrangeira um trecho de Clarice. O capítulo onze de *A Cidade sitiada* foi traduzido para o francês e publicado na revista literária *Roman* da editora *Plon* de Paris, precedido de introdução de Paulo Mendes Campos (PEREIRA, 1995). Segundo Miroir (2016), a publicação contou com a colaboração de três pessoas: dois brasileiros, Vettori e Campos, e uma francesa, a escritora Célia Bertin, codiretora, com Pierre de Lescure, da revista *Roman* (MIROIR, 2016). O *Diário Carioca* de 12 de outubro de 1952, registra o acontecimento: “O último número da revista francesa ‘Roman’ traz um capítulo do romance ‘A cidade sitiada’, de Clarice Lispector. A tradução da bela página foi feita por Beata Vettori (*sic*)” (VIDA LITERÁRIA, 1952, p.2). Embora a iniciativa precursora tenha merecido repercussão na imprensa brasileira, não encontramos repercussão crítica na mídia francesa.

Considerando-se “primeiro tradutor”, conforme Berman (1995), aquele que verte pela primeira vez uma obra completa de um escritor para uma língua estrangeira, atribui-se a primeira tradução de Clarice Lispector a Denise-Teresa Moutonnier, pela tradução de *Perto do Coração Selvagem*, em 1954. A própria escritora tem participação ativa no processo, negociando e fazendo correções na tradução. Em outubro de 1954 a *Folha da Manhã* noticia que Clarice Lispector foi convidada pela editora *Plon* a revisar a tradução de seu livro, para “maior fidelidade da estrutura estilística” (1954, p.2). Clarice, além de revisora, atua como crítica de tradução, deixando registrada em suas correspondências a indignação com a qualidade da mesma. Insatisfeita com a tradução, chega a pedir a não publicação da obra. Em carta de 10 de maio de 1954 às irmãs, escrevera: “preferia que o livro nunca fosse publicado na França a sair como está, sem correções” (LISPECTOR, 2007, p. 254), informando suas irmãs que mandara uma carta à editora francesa dizendo que “a tradução é escandalosamente má” (*Idem*). O livro, enfim, é publicado em novembro de 1954, com capa de Henri Matisse – que havia produzido também as ilustrações de *Ulysses*, de James Joyce (1935), e de *Les fleurs du mal*, de Baudelaire (1947) – com prefácio de Paulo Mendes Campos (HILMMSELSEHER, 2011). Clarice, mais tarde, envia uma carta à editora, desculpando-se e elogiando o trabalho da tradutora, após verificar que suas sugestões foram acolhidas (MOSER, 2009, p. 209). Porém, o livro não vendeu como se esperava. Conforme registra o site do Instituto Moreira Sales (2011), Clarice Lispector recebeu um comunicado da *Plon*, em 1958, informando que mil exemplares de *Près du coeur sauvage* seriam destruídos para liberar espaço no estoque (HILMMSELSEHER, 2011).

Em setembro de 1955 o crítico belga Hubert Juin escreve uma crítica deste livro para a revista francesa *Esprit*. Tomando como ponto de partida a epígrafe da qual se origina o nome do livro, extraída por Lispector de James Joyce: “*Ele estava só. Abandonado. Perto do coração selvagem da vida*”, o crítico considera que:

É justamente uma das qualidades mais surpreendentes do livro de Clarice Lispector, e que faz dele uma obra maior, esta faculdade de dizer tudo o que pode ser revelado pela linguagem, enquanto torna presente e próximo tudo o que escapa ao poder das palavras.¹ (1955, tradução nossa).

Para ele, a sentença de Joyce é a chave para o romance de Clarice. “Não é a heroína que se aproxima do coração selvagem da vida, mas a obra em si mesma, matéria escrita, signo da literatura. É a escrita que está em questão, muito mais que o conteúdo” (1955, p. 10). Há uma correspondência singular entre a expressão joyceana e a aventura da linguagem que é a obra clariceana: “cada palavra de um escritor, cada palavra jogada na materialidade da escrita

¹ C’est justement l’une des qualités les plus étonnantes du livre de Clarice Lispector, et qui en fait une œuvre majeure, que cette faculté de dire tout ce qui peut se dévoiler par le langage, tout en rendant et maintenant présent et proche tout ce qui échappe au pouvoir des mots.

e de tal forma irresistivelmente liberada – e como que abandonada – ao domínio público, é grávida de toda uma visão do mundo, de todo um processo de aprofundamento, de encarnação e conquista.” (1955, p. 10)

Não encontramos maiores repercussões críticas desta obra em francês. Porém, vinte anos mais tarde, com a retradução (em outro contexto histórico e cultural), o mesmo jornalista literário Hubert Juin publica uma resenha crítica no jornal *Le Monde*, “L’oeuvre dérroutante de Clarice Lispector”. O artigo inicia-se falando de sentir, com a leitura das obras de Lispector, uma “estranha ressonância, de sofrer um sutil e profundo desconforto e experimentar um singular, mas incontestável mal-estar percorrendo páginas selvagememente tensas em torno de um segredo essencial: alguma coisa como o segredo que faz de uma mulher uma mulher, justamente.”² (1982, *tradução nossa*). Em tom de retrospectiva à primeira edição, diz que, vinte anos antes, quando o leitor francês descobrira este livro, o mesmo teria provocado um “sentimento de pânico ...*Près du cœur sauvage* era o volume mais intoleravelmente ‘feminino’ então publicado...”³ (JUIN, 1982; grifo do autor. *Tradução nossa*)

Sobre este comentário, embora Pereira – em seu excelente trabalho aliás, precursor, que muito tem nos guiado –, tenha afirmado que “...Hubert Juin afirma que, por ocasião da primeira aparição na França, mais de vinte anos antes, *Perto do coração selvagem* foi considerado ‘o livro feminino mais insuportável’ jamais publicado” (PEREIRA, 1995, p.110, grifo da autora), esta afirmação não se confirma com a leitura da crítica no original, onde podemos depreender que o autor não considera o livro de Lispector como “ ‘o livro feminino mais insuportável’ jamais publicado”, mas o volume “ mais intoleravelmente ‘feminino’ então publicado...” (JUIN, 1982). Esta interpretação produz relevante diferença na consideração crítica do livro. Abaixo, a transcrição do trecho publicado no jornal *Le Monde* em 06 agosto de 1982:

Il y a plus de vingt ans, la découverte par quelques-uns de ce livre aujourd'hui réédité, *Près du cœur sauvage*, avait provoqué un sentiment de panique ... *Près du cœur sauvage* était le volume le plus intolérablement " féminin " alors publié... (1982, grifo do autor)

O autor da crítica fundamenta suas considerações afirmando que isso não se deve a algum traço aparentemente inconveniente, nem por “audácias sexuais”, mas

realmente, pelo tom de uma voz, pela sustentação de um discurso, que eram propriamente ‘da mulher’, e que jogavam o mundo no masculino (para aqueles que liam), no mais vivo embaraço. Melhor e mais que o embaraço: em uma derrota profunda.⁴ (1982, *tradução nossa*)

Lembremos que por volta da mesma época, em 1949, Simone de Beauvoir publicara *Le deuxième sexe* – livro referenciado como aquele que inaugura o debate sobre a situação da mulher. Contemporaneamente, a escritora brasileira estava, com efeito, envolvida com a expressão da “voz” feminina, como diz o crítico do jornal *Le Monde*, desde os anos 1940. Importante lembrar que, apesar de a obra clariceana ser um importante registro da condição feminina no século 20, Clarice nunca se declarou feminista.

² ...l'étrange résonance, d'en subir le subtil et profond inconfort, et d'éprouver un singulier mais incontestable malaise à parcourir des pages sauvagement crispées autour d'un secret essentiel : quelque chose comme le secret qui fait d'une femme une femme justement.

³ Il y a plus de vingt ans, la découverte par quelques-uns de ce livre aujourd'hui réédité, *Près du cœur sauvage*, avait provoqué un sentiment de panique ... *Près du cœur sauvage* était le volume le plus intolérablement " féminin " alors publié...

⁴ ...réellement, par le ton d'une voix, par la tenue d'un discours, qui étaient proprement " de la femme ", et qui jetaient le monde au masculin (pour ceux qui lisaient) dans l'embarras le plus vif. Mieux et plus que l'embarras : dans une déroutante profonde.

No entanto, Clarice trabalhou como jornalista feminina. Por volta desta época, trabalhava com publicações voltadas ao feminino na imprensa brasileira. Em tese defendida em 2018, SANDRONI demonstra que é escrevendo para o semanário *Comício* que Clarice começa a trabalhar como colunista. Sob o nome de Tereza Quadros, produzia textos próprios e também selecionava trechos de outros autores. Segundo Sandroni (2018), Clarice assumiu o papel de colunista feminina por três vezes.

Durante o ano de 1952, [Clarice] escrevia a página feminina *Entre Mulheres* no jornal semanal *Comício* com o pseudônimo de Tereza Quadros; entre 1959 e 1961, ela era Helen Palmer, autora da coluna *Correio Feminino*, no *Correio da Manhã*; e também foi ghost writer de Ilka Soares, titular da coluna *Só para Mulheres*, no *Diário da Noite*, em 1960 e 1961. (2018, p. 10)

A tese aponta que a principal fonte para citações de Tereza Quadros foi *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, ainda não traduzido no Brasil (a tradução seria publicada somente em 1960 por aqui). Clarice tinha acesso à edição francesa, traduzia trechos e publicava na página *Entre Mulheres*. Esta prática já possui algo de transgressor em relação às páginas femininas da época que, em geral, apresentavam “conteúdo de orientação moralizante e normativa” (SANDRONI, 2018).

Há que se pensar também que nos anos cinquenta do século passado a expressão na França da “voz” feminina (para usar o termo de Hubert Juin sobre o texto de Clarice), estava em baixa (DUBESSET, 2002). Os movimentos de expressão feminista vinham de um declínio que se inicia por volta dos anos trinta, as associações feministas haviam diminuído drasticamente, principalmente em meados dos anos 1940. Assim, nos anos cinquenta, apelidados “les années Beauvoir”, é quando começam a ser pensados os movimentos que se tornarão visíveis em meados dos anos 1960. Claro, não há na França, neste momento, uma expressão do pensamento feminino no sentido de que não há uma concentração de mulheres, reunidas em praça pública, como no início do século XX, com as mobilizações sufragistas. Ou mesmo depois, por volta dos anos 1970 – os chamados “années mouvements”, na esteira da grande onda de protestos de 1968, quando a juventude feminina já não reivindicava a emancipação feminina como antes, mas a “liberação da mulher” (DUBESSET, 2002). Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, diz algo que traduz com bastante clareza este momento na França: “A querela do feminismo deu muito o que falar, atualmente está mais ou menos encerrada: não se fala mais nisso. No entanto ainda falamos dela.” (BEAUVOIR, 1949, p. 1, tradução nossa). Tendo em mente o que escreve o jornal *Le Monde* sobre o livro de Clarice, podemos pensar que este quadro produz ressonância com a pouca ou nula repercussão da primeira edição traduzida de *Perto do coração selvagem*, à época da publicação.

Dezesseis anos mais tarde, em 1970, é publicada na França a tradução de *A mação no escuro* (*Le Bâtitseur des ruines*), traduzida por Violante do Canto e publicada pela Gallimard. Esta publicação marca um início, ainda que tímido, do interesse pela obra clariceana (percebe-se que as publicações sobre esta obra serão escritas, em sua maioria, após a morte da escritora, a partir dos anos 1980, quando Clarice já estava sendo lida por Hélène-Cixous no departamento de estudos femininos da Universidade de Paris VIII). No entanto, no ano do lançamento, a revista literária *Quinzaine Littéraire*, traz em abril um artigo de Michel Albrand: *Le Langage des pierres*. Em junho, o crítico português Álvaro Manuel Machado publica no *Magazine Littéraire*, outra crítica: *Clarice Lispector et l'invention du langage*, apresentando-o como “o mais complexo dos romances brasileiros contemporâneos” (MACHADO, 1970, p.38). E ainda uma resenha crítica, *Les Leçons sartriennes de Clarice Lispector – La romancière du silence* é publicada no *Le Monde*, por Claude Farny (que se tornaria uma das tradutoras de Lispector):

A obra de Clarice Lispector... é antes de tudo uma reflexão sobre ‘o estar no mundo’, e ela pode aparecer, em alguns de seus aspectos, como um prolongamento e um aprofundamento de certos temas sartrianos: a angústia, o nada [le néant], a incomunicabilidade da consciência, a máscara da linguagem.⁵ (FARNY, 1970; p. VII. *Tradução nossa*)

Em 1978, após a morte da escritora, quando a editora *Des Femmes* decide editar toda sua obra em francês, este livro é assunto para duas publicações no jornal *Le Monde*. A crítica destaca a introspecção na narrativa, que seria um “autorretrato” de Clarice, onde a *délicatesse* e *le dégoût* são palavras chaves, colocando a obra como inclassificável, relativamente “insituable”⁶ (LEGARS, *Le Monde*, 1978).

Em 1990, *Le Bâtitseur des ruines* foi estudado em uma tese orientada por Hélène-Cixous, na universidade de Paris VIII, defendida por Mara Negron-Marrero. A tese, sobre estudos femininos, dará origem ao livro *Une gènesse au féminin: étude de La pomme dans le noir de Clarice Lispector*, onde a autora observa:

Afim de classificar a obra de Clarice Lispector fez-se apelo ora ao existencialismo, ora à Virgínia Woolf, a Katherine Mansfield, às quais a compararam, para tentar dar conta de uma obra que, como disse Michele Boujea ‘escapa a toda influencia’... (1998, p. 36; *tradução nossa*)⁷

Segundo Negron-Marrero, o “existencialismo humano” de Clarice não pode ser considerado separado de sua essência como no existencialismo; não há pensamento oposicional. E mesmo que seu pensamento remita ao pensamento filosófico, não há teorização em sua escrita, as palavras são “sentidas” (1997, p. 36). O que há em Clarice seria aquilo que Hélène-Cixous chamou, em um dos seus primeiros artigos consagrados à escritora, de *l’approche*:

O que chamaremos ‘ler’, quando um texto transborda qualquer livro e vem ao nosso encontro tomar vida? [...] na escola de Clarice Lispector nós aprendemos o aproximar-se (*l’approche*). Tiramos lições das coisas. As lições de chamar, de se deixar chamar. (CIXOUS *apud* NEGRON-MARRERO, 1997, p. 37)⁸

Com a morte da escritora em 1977, o jornal *Le Monde* publica um artigo intitulado *La romancière brésilienne Clarice Lispector est morte*. O crítico Claude Couffon destaca a vontade de abalar as convenções sociais presentes em Clarice:

Ceticismo. Solidão. Mas também vontade de abalar todas as convenções de uma sociedade falsa. Tais foram as forças vivas que fizeram de Clarice Lispector uma das melhores representantes do movimento literário nomeado no Brasil *O novo romance*⁹. (COUFFON, 1977; *tradução nossa*).

⁵ L’œuvre de Clarice Lispector...est avant tout une réflexion sur “l’être-au-monde”, et elle peut apparaître, par certains de ses aspects, comme un prolongement et un approfondissement de certains thèmes sartrien: l’angoisse, le néant, l’incommunicabilité des consciences, le masque du langage.

⁶ Ces livres participent, au Brésil, au mouvement qu’on a appelé *le nouveau roman brésilien*. Mais, en dépit de quelques similitudes avec le nouveau roman français, notamment dans un certain rapport au monstrueux ou à l’inhumain, ou encore dans la poursuite constante, répétée de livre en livre, d’une expérience du quotidien strictement intérieure, on peut dire que l’œuvre de Clarice Lispector est relativement insituable.

⁷ Afin de classer l’oeuvre de Clarice Lispector on a fait appel soit à l’existencialisme, soit à Virgínia Woolf, à Katherine Mansfield auxquelles on l’ a comparée, pour essayer de rendre compte d’une œuvre qui, comme le dit Michele Boujea ‘échape à toute influence’...

⁸ Qu’appellerons-nous “lire”, quand un texte déborde tout livre et vient à notre rencontre se donner à vivre? [...] à l’école de Clarice Lispector nous apprenons l’approche. Nous prenons les leçons des choses. Les leçons d’appeler, de se laisser appeler.

⁹ Scepticisme. Solitude. Mais aussi volonté d’ébranler toutes les conventions d’une société factice. Telles furent

“Redescoberta” de Clarice: a editora *Des Femmes* e Hélène-Cixous

No ano seguinte sai a tradução de *A Paixão Segundo GH*, pela editora *Des Femmes*, traduzida por Claude Farny. Inicia-se um segundo período na recepção de Clarice, em que a difusão de sua obra acontece com maior impacto.

Até então a detentora dos direitos autorais de Clarice Lispector na França era a editora *Gallimard*. Porém, em 1975, Clelia Piza e Maryvonne Lapouge (autoras de *Brasileiras, voix, écrits du Brésil*) em viagem ao Brasil, entrevistam Clarice em seu apartamento no Rio de Janeiro para esta publicação, e recebem, da escritora, a incumbência de negociar a publicação de *La passion selon GH*. Segundo Piza (1987), Lispector recebera, em 1975, carta da editora *Gallimard* comunicando que a publicação, já traduzida em francês, seria suspensa pois o encarecimento do papel obrigava-a a reduzir o número de publicações. Clarice, sabendo de seu envolvimento com uma nova editora, solicita a intermediação das negociações.

...tinha ido, com Maryvonne Lapouge, ao Brasil para entrevistar um determinado número de mulheres sobre o que era, no país, a condição feminina...A ideia de publicar um livro de entrevistas com mulheres brasileiras interessou uma nova editora que fora fundada nessa época em Paris, editora que dispunha de meios financeiros importantes, que usufruía de um grande prestígio na imprensa e em relação aos leitores, e que publicava o que se ligasse à mulher. (PIZA, 1987, p. 175)

Piza, de posse dos manuscritos, apresenta-os à nova editora. “Mas tanto tempo já tinha decorrido”, afirma, “que apesar de tudo ser feito bastante rapidamente, Lispector não pôde ver seu livro editado” (1987, p. 176). A nova editora se encarrega da divulgação, publicando trechos da tradução, que recebe prefácio de Clélia Piza. A produção crítica é bastante fecunda, incluindo ensaios, livros, conferências e teses acadêmicas que vieram mais tarde.

Isto acontece, também, “por uma maneira de pensar que a época propunha” (PIZA, 1987), encontrando identificação com a literatura clariceana. “Esta maneira de pensar foi muitas vezes destacada para explicar o êxito, na França, dos livros de Lispector. Segundo esta visão das coisas, a sensibilidade feminista, a *Weltanschauung* que tinha a mulher como centro é que deram aos seus livros um tão grande destaque.” (PIZA, 1987, p.176). Piza acrescenta:

Não nego que o feminismo, então corrente de pensamento extremamente forte, tenha, até certo ponto, facilitado a difusão de sua obra. Mas facilitado apenas. Passaram-se dez anos desde a publicação de *A paixão segundo G.H.*, cinco outros livros seus foram traduzidos pela mesma editora, o feminismo deixou de ocupar o lugar que era o seu nos anos setenta, e, no entanto, a importância de Clarice Lispector não decresceu. Isto significa que não é só porque houve convergência entre a sua maneira de escrever e de pensar e as diferentes correntes do feminismo francês (ou mundial), que a difusão de sua obra tornou-se, na França, exemplar. Mas também porque além dessa convergência, há em Clarice Lispector interrogações, dúvidas, inquietações que são para os seus leitores assuntos essenciais. (1987, p. 176)

Não há como falar da presença literária de Clarice na França sem mencionar o encontro entre seu texto e Hélène-Cixous. Anglicista e especialista em Joyce, Cixous teve participação decisiva na formação da Universidade de Vincennes, onde criou o Departamento de Estudos Femininos, sendo considerada por muitos uma das mães da teoria feminista pós-

les forces vives qui firent de Clarice Lispector l'un des meilleurs représentants du mouvement littéraire que l'on nomme au Brésil *O Novo Romance* (*le nouveau roman*).

estruturalista. Sua obra literária inclui poesia, romance, teatro, ensaios. Para falar do impacto que lhe causou a leitura de *A paixão segundo GH*, escreveu um livro: *Vivre l'orange*. Como professora universitária, multiplicou os seminários sobre sua obra. Isto fez com que alunos, não apenas franceses, mas do mundo todo que assistiram suas aulas, se tornassem leitores ou especialistas em Lispector (como *Verena Conley* nos Estados Unidos ou *Claire Varin* no Canadá).

Clarice Lispector na França é um fenômeno que não corresponde ao que se conhece a respeito da difusão do romance brasileiro, seja ele o de escritores consagrados ou de jovens de talento. Muita gente já nem sabe que Clarice Lispector é brasileira: ela existe, sem que suas origens sejam uma referência. (PIZA, 1987, p. 177)

Os seminários de Hélène-Cixous exerceram influência também sobre a qualidade das traduções de Clarice: o fato de as versões serem analisadas em todos os pormenores fez com que a qualidade destas evoluísse, tornando-se mais ambiciosa, mais cuidadosa e também mais ousada (Piza, 1987).

Em 28 de novembro de 1982, o jornal *A Folha de São Paulo* publicou um artigo intitulado *Presença de Clarice Lispector*, uma entrevista de Hélène-Cixous a Betty Millan. Sobre o longo tempo para que a escritora brasileira se tornasse conhecida na França, Cixous responde:

Acredito que ela tenha sido vítima de um recalque causado por fatores tradicionais na França, que não é muito receptiva aos textos estrangeiros. Ademais, acho que a obra de Lispector é monumental, de uma profundidade e de uma importância inusitadas, e o estado da literatura francesa é tal que o leitor médio, o da mídia, do jornalismo, é pouco capaz de segui-la... (CIXOUS, 1982, p. 10)

Aproximando a escrita clariceana à de um filósofo, Cixous inscreve sua escrita sob a perspectiva da escrita de Joyce e Kafka:

O que ela faz, e é isso que é absolutamente admirável, é filosofia poética ou poesia filosófica. Enfim, algo que eu nunca vi em outro lugar. E só há uma pessoa no mundo que produziu textos tão densos, foi Kafka. Só que ele inscreveu tudo no nível da alegoria, ele alegoriza o real para chegar a produzir efeitos de sentido, faz dele uma fábula. Para Lispector, o real é, em si mesmo, portador do sentido mais fino. Só os filósofos fizeram o que Clarice faz, mas sem a liberdade que ela, como poeta, tem. Às vezes eu me dizia que ela parecia Heidegger. Há, por exemplo, um trabalho sobre “a coisa” que tem a força, a potência, a precisão do discurso filosófico heideggeriano. Ela ousa casar, ousa celebrar o casamento da escrita mais leve, quase oral, com o pensamento mais profundo. (CIXOUS, 1982, p. 10)

A partir de 1980, Hélène-Cixous realiza seminários de pesquisa literária a partir da obra de Clarice no Centro de Estudos Femininos da Universidade de *Paris VIII – Vincennes* e no *Collège International de Philosophie*. Estes seminários, que se estendem por toda a década de 80 representam um trabalho pioneiro na Europa sobre a questão de gênero e sua relação com o texto literário. Alguns foram reunidos e publicados na Inglaterra e nos Estados Unidos entre 1988 e 1992: *Writing differences – Readings from the seminar of Hélène Cixous*, Oxford, 1988; *Reading with Clarice Lispector*, University of Minnesota, 1990; *Readings – The poetics of Blanchot, Joyce, Kafka, Kleist, Lispector, and Tsvetayeva*, University of Minnesota, 1992 e nas *Conversações*, que encerram o volume *Writing differences*, p. 141-5, de 1988.

Não há como negar que a descoberta de Clarice por Cixous foi oportuna, no sentido em que trouxe visibilidade, divulgando a obra clariceana não apenas na França, mas em

outros países. Contudo, para Cixous, professora de literatura e estudos femininos, esta descoberta não foi menos oportuna. Como relata ela própria, para trabalhar a feminilidade antes de Lispector, valia-se de textos escritos por homens nos quais a feminilidade aparecia, o que para ela “politicamente não era prático”:

Para trabalhar sobre a feminilidade e a escrita, eu sempre me valia de textos de homens nos quais a feminilidade aparecia. ...textos de todos os tipos e sempre em edições bilíngues. Kleist, os românticos alemães em geral. Trabalhava muito com Rilke, com a poesia, textos ingleses, Shakespeare... Enfim, eu estava sempre retrabalhando textos de homens, o que politicamente não era prático. Era incômodo não encontrar exemplos de economia aventureira em textos de mulheres, e eu andava um pouco triste. Clarice me salvou e me deu um universo. (CIXOUS, 1982, p. 10)

Clarice Lispector, durante anos, proveu Hélène-Cixous da autoridade da voz feminina. É certo que, como constata Elena Carrera, “a forma de comentário praticada por Cixous, uma ruptura com a crítica literária tradicional, inspirou os leitores acadêmicos a seguir seus passos intuitivos, e a transmitir a outros leitores sua paixão pelo trabalho de Lispector.”¹⁰ (CARRERA, 1999, p. 85). Porém, não há como esquecer a indiscutível contribuição do texto clariceano aos estudos do feminino na Universidade de *Paris VIII*, influenciando toda uma geração de jovens feministas não apenas na França, como as já citadas Verena Conley, que traduz nos Estados Unidos grande parte destes seminários, ou Claire Varin no Canadá, entre vários outros. Como afirma Carrera, em 1999: “... nos últimos dezenove anos, Lispector forneceu a Cixous uma estrutura, um nome e uma voz, uma autoridade externa, com a qual falar de suas próprias ideias, obsessões e sonhos.”¹¹ (*Idem*, p. 86)”

Enfim, a trajetória inicial da recepção francesa de Clarice mostra que a internacionalização de sua obra tem início graças ao esforço da própria escritora. Percebemos, contudo, que a consolidação desta recepção, com maior repercussão crítica, se dá somente a partir da decisão da editora feminina *Des Femmes* de publicar a obra traduzida da escritora, mas também dos seminários promovidos por Hélène-Cixous que, juntamente com uma certa mudança na forma de pensar o feminino na França possibilitada pela época, promove uma identificação com a escrita clariceana. Em contrapartida, como declara Cixous, há também uma consolidação de seus estudos pioneiros no âmbito do feminino, somente a partir do encontro com o texto clariceano.

Referências

Albrand, Michel. “Le Langage des pierres”. *Quinzaine Littéraire*. n.º: 93, Paris, 16 de abril de 1970.

Beauvoir, Simone. *Le Deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

Berman, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

¹⁰ “The form of commentary practised by Cixous, a break from traditional literary criticism, has inspired academic readers to follow in her intuitive steps and to convey to other readers her passion for Lispector’s work.

¹¹ “...throughout the last nineteen years Lispector has provided Cixous with a frame, a name and a voice, an external authority, within which to speak of her own ideas, obsessions and dreams.”

Carrera, Elena. "The Reception of Clarice Lispector via Hélène-Cixous: Reading from the Whale's Belly". In: Ribeiro, Solange; Still, Judith (Ed). *Brazilian Feminisms*. Nottingham: University of Nottingham Press, 1999, p. 85-100.

Cixous, Hélène. "L'approche de Clarice Lispector" *Poétique*. [s.l], n° 40, nov. 1979.(a), p. 408-19.

Cixous, Hélène. *Vive l'orange/to Live the Orange*. Paris: Éditions des femmes, 1979(b).

Cixous, Hélène. "Presença de Clarice Lispector. Entrevista de Hélène-Cixous a Betty Millan." *Folha de São Paulo* [Folhetim], São Paulo, n° 306, 28 nov. 1982, p. 10-11.

Couffon, Claude. "La romancière brésilienne Clarice Lispector est morte." *Le Monde*, Paris, [arquivos online sem n° de p.] 12 dez. 1977. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1977/12/12/la-romanciere-bresilienne-clarice-lispector-est-morte_2855463_1819218.html Acesso em: dezembro 2019

VIDA LITERÁRIA. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, n. 7448, 2. sec., 12 out. 1952, p. 2.

Dubesset, Mathilde. "Les figures du féminin à travers deux revues féminines, l'une catholique, l'autre protestante, La Femme dans la Vie Sociale et Jeunes Femmes, dans les années 1950-1960". *Le Mouvement Social*. n° 198, Paris, 2002/1, p. 9-34.

Farny, Claude. "Les Leçons sartriennes de Clarice Lispector/ La romancière du silence". *Le Monde*, Paris, suplemento do n°. 7988, 19 set. 1970, p. VII.

MOVIMENTO LITERÁRIO. Atualidades e Comentários. *Folha da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 9371, p. 2, 10 out. 1954. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=29970&keyword=Lispector%2CClarice&anchor=4617698&origem=busca&_mather=becc238bb11cfc85&pd=0ca10becfc0d2cec4e1b28a0d291ed8e Acesso em: junho 2019

Hanes, Vanessa, Guerini, Andréia. "Clarice Lispector traduzida e tradutora: estado da arte". *Revista da Anpoll*. n° 41, p. 172-183, Florianópolis, Jul./Dez. 2016. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/942/882>

Hilmmselseher, Cecília. "A tradução do indizível." *Blog do Instituto Moreira Sales*, Rio de Janeiro. 15 out. 2011. Disponível em: < <https://blogdoims.com.br/a-traducao-do-indizivel-por-cecilia-himmelseher-elizama-almeida-e-marcela-isensee/> >. Acesso em: junho 2019.

Juin, Hubert. "Clarice Lispector : Près du cœur sauvage". *Revue Esprit*, 29025, p. 163-5 Paris, Set./Out. 1955. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/juin-hubert/clarice-lispector-pres-du-coeur-sauvage-29025>. Acesso em: junho 2019

Juin, Hubert. "L'œuvre déroutante de Clarice Lispector. Abandonnée près du cœur sauvage de la vie". *Le Monde Hebdomadaire*, p.10 ; Paris, 05-11 out. 1982.

Legars, Brigitte. "L'autoportrait de Clarice Lispector. L'expérience initiatique d'une romancière brésilienne disparue il y a un na". *Le Monde* [arquivo online, sem n° de pag.] Paris, 17 nov. 1978.

Disponível em : https://www.lemonde.fr/archives/article/1978/11/17/l-autoportrait-de-clarice-lispector_2995853_1819218.html Acesso em: junho 2019.

Lispector, Clarice. *Minhas queridas*. Org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

Lispector, Clarice. *La Passion selon G. H.* Tradução de Claude Farny; Prefácio de Clélia PIZA. Paris: Éditions des femmes. 1978(b), p. 199.

Machado, Álvaro Manuel. “Clarice Lispector et l’invention du langage”. *Magazine Littéraire*. nº 41, Paris, junho 1970, p. 38.

Miroir, Jean-Claude. “Clarice Lispector e seus tradutores: da fúria à melodia”. *O eixo e a Roda*. Belo Horizonte, v.25, nº 1, 2016, p. 61-85

Moser, Benjamin. *Why This World: A Biography of Clarice Lispector*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Negron-Marero, Mara. *Savoir féminin: Deux exemples: George Sand, folklore-féminité, Clarice Lispector, au-delà du savoir*. Tese doctorat, Sorbonne Paris VIII, 1990. Disponível em: <https://www.theses.fr/1991PA080547>. Acesso em: junho 2019

Negron-Marrero, Mara. *Une genèse au féminin: étude de La pomme dans le noir de Clarice Lispector*. Amsterdam: Rodopi, 1997.

Pereira, Maria Marta L. “Aspectos da Recepção de Clarice Lispector na França”. *Anuário de Literatura*. nº 3, 1995, p. 109-125.

Piza, Clélia. “Depoimento - Clarice Lispector”. *Travessia*. Florianópolis, nº 14, 1987.

Sandroni, Tania. *A Bela e a Fera: A reafirmação do estereótipo feminino e a sua subversão nas colunas de Teresa Quadros, máscara de Clarice Lispector*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo; Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. 2018.

Recebido em: 05 de agosto de 2019

Aceito em: 17 de novembro de 2019

Publicado em: Dezembro de 2019